

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA ICONICIDADE VERBAL PARA A LEITURA DE PASSAGENS INSÓLITAS EM UM TEXTO LITERÁRIO

Data de aceite: 01/08/2024

Darcilia Marindir Pinto Simoes

Eleone Ferraz de Assis

<http://lattes.cnpq.br/7712734063758697>

RESUMO: Este artigo relata proposta de análise da iconicidade verbal na representação dos eventos insólitos do romance *A Hora dos Ruminantes*, de José J. Veiga. O estudo se baseia na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES (2019) e no Realismo Maravilhoso com foco na presença do insólito na narrativa ficcional (GARCIA, 2007; CHIAMPI, 1980, MONEGAL, 1980). Para tanto, será discutida a construção de: (1) elementos mágicos ou extraordinários percebidos como parte da “normalidade” pelos personagens de forma intuitiva e sem explicação; (2) a presença do componente sensorial como parte da percepção da realidade; (3) a transformação do comum e do cotidiano em uma vivência com experiências sobrenaturais ou extraordinárias; (4) as pistas para a captação e interpretação de passagens insólitas num texto. A investigação em *A Hora dos Ruminantes* busca o entendimento da obra a partir do rastreamento dos processos cognitivos acionados pela iconicidade do léxico na constituição de eventos insólitos emoldurados pelo Realismo Maravilhoso.

PALAVRAS-CHAVE: A hora dos ruminantes, eventos insólitos, teoria da iconicidade verbal, Realismo Maravilhoso.

ABSTRACT: This article reports on a proposal to analyze verbal iconicity in the representation of unusual events in José J. Veiga’s novel *A Hora dos Ruminantes*. The study is based on the Theory of Verbal Iconicity (SIMÕES (, 2019) and Marvelous Realism with a focus on the presence of the unusual in fictional narrative (GARCIA, 2007; CHIAMPI, 1980, MONEGAL, 1980). To this end, we will discuss the construction of: (1) magical or extraordinary elements perceived as part of “normality” by the characters intuitively and without explanation; (2) the presence of the sensory component as part of the perception of reality; (3) the transformation of the ordinary and everyday into an experience with supernatural or extraordinary experiences; (4) the clues for capturing and interpreting unusual passages in a text. The investigation into *The Hour of the Ruminants* seeks to understand the work by tracing the cognitive processes triggered by the iconicity of the lexicon in the constitution of unusual events framed by marvelous realism.

KEYWORDS: The Hour of the Ruminant, unusual events, verbal iconicity theory, marvelous realism

INTRODUÇÃO

Interpretar um texto significa explicar por que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas.

Humberto Eco

Para abordar as contribuições da Teoria da Iconicidade Verbal para a leitura das passagens insólitas em um texto literário, devemos levar em conta que a arquitetura textual de uma obra realista maravilhosa é um objeto visual composto por uma trama sgnica que oferece pistas para captação e interpretação dos eventos insólitos.

Passagens insólitas do romance *A hora dos ruminantes* são consideradas experiências extraordinárias e sem explicação e continuam oferecendo um espaço complexo a ser explorado, uma vez que o intérprete (leitor) precisa ser livre e ter um papel ativo no seu processo de compreensão.

Afirmar que é necessário haver liberdade para interpretar o texto veiguiano não significa ausência de critérios e limites na interpretação das passagens insólitas. Assim, nossa análise textual não pretende ser acometida pela insuficiência e pelo excesso de significados. Ela perseguirá as pistas de captação e de interpretação dos eventos que fogem ao aceitável das coisas e do humano, ou seja, que são consideradas inaceitáveis do ponto de vista da realidade empírica, por serem inscritas pelo sobrenatural ou extraordinário.

Elegemos a Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009, 2019) como suporte para nossa leitura. Essa teoria permitirá o tratamento icônico das passagens insólitas constituídas a partir de imagens visuais que registram os mecanismos utilizados pelo autor na organização verbal-material do raciocínio.

O gênero textual escolhido para a realização deste estudo é o romance que pode ser catalogado no Realismo Maravilhoso, com foco na presença do insólito na narrativa ficcional (CHIAMPI, 1980; MONEGAL, 1980, CARPENTIER, 1985; GARCIA, 2007). Essa base teórica será aplicada na leitura da obra *A hora dos ruminantes*, de José J. Veiga, por entendermos que os eventos insólitos ali presentes são construídos por signos visuais que orientam a leitura eficiente, ou seja, são signos que podem funcionar como alicerce para a condução do intérprete à mensagem básica inscrita nos eventos extraordinários.

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ICONICIDADE DO INSÓLITO NO REAL MARAVILHOSO

A imagem é um modo de expressão; é um código visual. Estudar imagens é adentrar pelo mundo dos signos, em geral, e dos ícones, em especial.

Simões (2019, p. 69)

O insólito emoldurado pelo Realismo Maravilhoso engloba um grau exagerado ou inabitual do humano ou do sobrenatural. Em função disso, os eventos insólitos possuem apresentam “uma dimensão de beleza, de força ou riqueza, em suma, de perfeição, que pode ser mirada pelos homens” (CHIAMPI, 1980, p. 48). Assim, em uma primeira acepção, o insólito neste gênero, mesmo se associado à extraordinariedade (que se constitui da frequência ou densidade dos fatos ou objetos que excede os limites das leis físicas e humanas), por preservar algo humano, em sua essência, consegue instalar o impossível lógico e ontológico da não contradição. Já em uma segunda acepção, o insólito diverge drasticamente das características humanas, por tudo convergir para o sobrenatural, uma vez que a natureza dos eventos pertence à esfera não humana, não natural e não ter explicação racional.

A partir da premissa de que o insólito no Realismo Maravilhoso é construído com base nos “efeitos ópticos” (CHIAMPI, 1980, p. 48), vimos observando que o texto afeito a esse gênero é um objeto visual desenhado pela escolha lexical praticada pelo autor. Desse modo, “referenda-se a indispensabilidade de um tratamento icônico do texto e de seus estruturantes, no sentido de ser o texto uma imagem visual que poderia documentar os mecanismos utilizados na organização verbal-material do raciocínio” (SIMÕES, 2009, p. 57). Sendo as passagens insólitas fortemente icônicas, a partir das pistas de captação e interpretação não é difícil formular um sentido na transformação do comum e do cotidiano em uma vivência com experiências sobrenaturais ou extraordinárias.

Apesar de as passagens insólitas serem inaceitáveis às expectativas quotidianas de uma cultura, elas contêm um potencial de verossimilhança.¹ Cremos, todavia, que a verossimilhança nas passagens insólitas é construída a partir da busca da não disjunção das isotopias contraditórias, ou seja, “consiste em organizar, pelo efeito de semelhança, a cumplicidade entre [...] [os signos] e o universo semântico” (CHIAMPI, 1980, p. 169) do real e do maravilhoso.

Feitos esses apontamentos, referendamos que um texto literário caracterizado pelo Realismo Maravilhoso trilha “um caminho complexo, por reunir numa mesma superfície signos de tipos variados, cuja carga semiótica é individual (do ponto de vista da escolha do enunciador) e interindividual (considerada a sua pertinência a um sistema histórico-cultural)” (SIMÕES 2007, p. 20). Nesse gênero, os signos icônicos são polissêmicos e

¹ O texto verossímil no Realismo Maravilhoso tem um sentido que vai além da realidade epidérmica, uma vez que há um encadeamento causal e necessário das partes que integram a composição mimética.

pluridimensionais, na medida em que o autor consegue construí-los a partir de um jogo inteligente entre baixa e alta iconicidade (SIMÕES, 2019, p.118).

Observe-se o que diz Simões:

A subjetividade interpretativa é controlada pelas codificações sociais. Logo, o texto é um construto que pode conter sinais que conduzam o intérprete a certa semiose. “Se assim não fosse, os textos eminentemente informativos, de função administrativa, não seriam textos possíveis” (SIMÕES [Org.], 2004, 121). De leituras inadequadas de textos informativos, administrativos, resultam ações inadequadas. Assim sendo, “o texto, independentemente de sua função pragmática, tem de ser inteligível. E quanto maior for a expectativa comunicativa projetada sobre o texto, mais forte tem de ser a presença de signos orientadores em sua superfície, ou seja, a iconicidade deverá ser mais alta.” (SIMÕES, 2007, p. 48).

Retomando-se as considerações de Chiampi (1980) sobre o insólito inscrito sobre o Realismo Maravilhoso, verificamos que ele é regido pela unidade pragmática. Isso significa que o conjunto “das relações linguísticas envolvidas no ato de codificação e leitura do signo” (CHIAMPI, 1980, p. 51) segue o eixo que conduz ao universo cultural e social do texto. Além disso, considerando a noção de interpretante de Peirce dentro da estrutura triádica do signo, podemos dizer que o insólito se configura com uma unidade cultural e, como tal, unidade semântica inserida num sistema-discurso de convenções da cultura.

Assim, amparados em Chiampi (1980) e Simões (2019), podemos afirmar que as relações pragmáticas do insólito são construídas a partir da relação do enunciador com o signo e reconstruídas pelo coenunciador (leitor ou intérprete) também no contato com o signo. Elas dizem respeito à enunciação/recepção do signo, como atos que situam o enunciado (este exclusivamente verbal) numa situação que inclui elementos não verbais: o enunciador – quem escreve; intérprete – quem percebe e, finalmente, o contexto no qual essa articulação tem lugar.

Já as relações semânticas dos eventos insólitos possibilitam caracterizá-los como algo que estabelece um diálogo “entre o signo e o referente extralinguístico, ou seja, tomando a dimensão vertical que orienta o texto para o contexto” (CHIAMPI, 1980, p. 90). Nessa perspectiva, irmanados às palavras de Chiampi, concluímos que a compreensão das imagens insólitas de uma obra literária afeita ao Realismo Maravilhoso deve iniciar pelo nível semântico do discurso pautado pela unidade cultural.

Esta característica das elaborações discursivas que uma cultura cria para estabelecer o seu circuito de comunicação levou Umberto Eco a formalizar mais rigorosamente a definição de unidade cultural: “é o significado que o código faz compreender ao sistema de significantes”. Esta definição vem ao encontro de noção de interpretante de Peirce. [...] Eco prefere o termo “interpretante” para significar outra representação do referente (além da do significante ou *representamen*), porque esta faz ver que se abre um infinito sistema de convenções, quando a segunda representação pode ser nomeada por outro signo, que por sua vez pode receber outro interpretante, num processo de semiose ilimitada. (CHIAMPI, 1980, p. 93).

Para Eco (2001, p. 28), “dizer que a interpretação (enquanto característica básica da semiótica) é potencialmente ilimitada não significa que a interpretação não tenha objeto e que corra por conta própria”. Assim, apoiados na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009), percebemos que no insólito há inscrição de pistas sgnicas que acionam a ativação de processos cognitivos, direcionando a leitura das imagens construídas no texto real maravilhoso.

Nesse sentido, vale lembrar que o Realismo Maravilhoso (CHIAMPI, 1980, MONEGAL, 1980; CARPENTIER, 1985; GARCIA, 2006) apresenta uma capacidade de representatividade das várias faces do real, ou seja, o poder de apresentar uma problemática histórica de uma sociedade em uma perspectiva não documental, uma vez que o insólito, conforme Chiampi (1980), configura uma imagem de um mundo livre contradições e antagonismos. Portanto, o insólito, nesse gênero, deixa de ser o desconhecido, para se incorporar à realidade epidérmica dos seres de papel, a partir do momento em que é aceita a vivência harmônica com o extraordinário ou sobrenatural.

Para enfatizar esse apontamento, vejamos o que Nogueira (2007, p. 73) diz sobre esse gênero:

No Realismo Maravilhoso [...] os questionamentos racionais acerca do fato desconhecido não permanecem por muito tempo, à medida que a dúvida é suspensa pela aceitação desse elemento, produzindo o encantamento, que é o resultado esperado pela presença do elemento insólito em narrativas de tal gênero, visto que proporciona um equilíbrio entre o natural e sobrenatural.

Na esteira do raciocínio do Realismo Maravilhoso, percebemos que o romance *A hora dos ruminantes* se desenvolve a partir de eventos extraordinários percebidos de forma intuitiva e sem explicação como parte da “normalidade” pelos personagens. Tendo em vista que esses eventos são constituídos por signos com grande potencialidade conotativa, é necessário controlar a interpretação do texto para evitar o que Eco denominou *overinterpretation* (sobreinterpretação) ou uma interpretação paranoica.

Nessa perspectiva, a teoria que referenda o tratamento icônico do texto permite traçar o mapa de leitura do signo maravilhoso com base na arquitetura textual.

DIMENSÕES ICÔNICAS DO INSÓLITO NO REALISMO MARAVILHOSO DO ROMANCE *A HORA DOS RUMINANTES*

O desejo de mergulhar no universo de Veiga sempre me pareceu como a famigerada metáfora da caixa de Pandora, definida como “criatura que possui todos os dons”. Obviamente, ao contrário dos malefícios humanos encobertos sorrateiramente no presente mitológico, abrir seus livros e deixar que, de suas páginas, repouse em meu olhar o conteúdo desta oferenda, prenuncia-me a esperança do amadurecimento da minha visão crítica.

(Kfourri)

Para o *cópus* deste estudo elegemos o romance *A hora dos ruminantes*, de José J. Veiga, que conta a história de um lugarejo pacato – Manarairrema – que, após o aparecimento súbito de “um grande acampamento fumegando e pulsando do outro lado do rio” (VEIGA, 2001, p. 12), é bruscamente submetido a acontecimentos inexplicáveis e misteriosos. O acampamento do outro lado do rio é o que altera a realidade e desencadeia o aparecimento dos eventos insólitos emoldurados pelo Realismo Maravilhoso. Para Carpentier (1985, p. 4), esse realismo começa

a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação desabitual ou singularmente favorecedora das inadvertidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que conduz a um modo de estado-limite.

No clima de mistério introduzido sutilmente pela chegada dos “homens da tapera” desenrolam-se as ações e os eventos insólitos que são altamente plurissignificativos e simbólicos. O entendimento, portanto, da iconicidade acionada pelo léxico que constitui a trama textual desembocará nas amarras de um quadro sombrio da violência do poder totalitarista.

Vejamus um fragmento do texto de José J. Veiga que compõe o primeiro evento insólito:

O derrame de cachorro foi o primeiro sinal forte de que os homens não eram aqueles anjos que Amâncio estava querendo impingir. [...] (VEIGA, 2001, p. 51).

Os cachorros baixaram de repente, apanhando todo mundo de surpresa. A cidade estava engrenando na rotina do tomar café, do regrar horta, do varrer casa, do arrear cavalo, quando os latidos rolaram estrada abaixo. As pessoas correram para as janelas, as cercas, os barracos e viram **aquela enxurrada avançando rumo à ponte, cobrindo buracos, subindo rampas, contornando pedras, aos destrambelhos, latindo sempre.**

– Nossa! É cachorro! É cachorro! E vem pra cá!

– Ih, é cachorro! Escapuliram!

– Os cachorros!

– Feche a porta! Os cachorros!

– Os meninos! Chame os meninos!

– Corre, gente!

– Fecha tudo!

– Prepare porretes! (VEIGA, 2001, p. 52).

[...] **Era impossível saber quantos seriam** quem tentou calcular por alto desistiu alarmado, eles estavam sempre passando e **pareciam nunca acabar** de passar. (VEIGA, 2001, p. 54). [Grifou-se]

Apreciar a seleção vocabular feita por José J. Veiga para a elaboração do romance *A hora dos ruminantes* é fundamental para a compreensão das passagens insólitas. A visualização que fazemos com a leitura desta passagem da obra deflagra processos cognitivos que geram imagens figurativas de uma problemática histórica de uma sociedade (opressão) em uma perspectiva não documental.

Os elementos que seguem pertencem à composição do primeiro evento insólito da obra veiguiana. São eles:

1. O derrame de cachorro
2. Os cachorros baixaram de repente
3. Apanhando todo mundo de surpresa
4. Aquela enxurrada avançando rumo à ponte
5. Cobrindo buraco
6. Latindo sempre

A iconicidade nestas expressões (pistas) “permite a visualização da cena, dando a narrativa uma qualidade fílmica” (SIMÕES, 2009, p. 11). Os signos expressos apontam que o tempo da trama textual é inesperado. Eles destacam que tudo aconteceu tão rápido a ponto de os cachorros apanharem todo mundo de surpresa. A potencialidade imagética dos signos que compõem a arquitetura textual este evento insólito permite perceber que “o derrame de cachorro” ocorrido na cidade fez a população refém dentro de suas próprias casas. Vejamos:

1. É cachorro
2. Vem pra cá
3. Feche a porta
4. Chame os meninos
5. Feche tudo.
6. Corre, gente
7. Prepare os porretes

A análise da iconicidade lexical permite-nos supor que o aparecimento repentino desse evento insólito (a cidade invadida por cachorros), por transgredir a rotina de Manarairema, desencadeia inicialmente medo e pavor nos personagens, o que podemos ver com as seguintes expressões: “feche a porta”; “chame os meninos”; “prepare os porretes”.

Na mitologia, o cachorro sempre esteve associado à morte, aos infernos, ao mundo subterrâneo, aos impérios invisíveis regidos pelas divindades ctonianas ou selênicas (CHEVALIER, 1994, p. 317). A despeito disso, na arquitetura textual de *A hora dos ruminantes*, os cachorros apresentam uma desarticulação pública e simbolizam uma violência que se instala sem resistências; ou antes, a metáfora de uma bestialização do indivíduo.

O valor icônico da metáfora contida no signo cachorro mostra que, por não fazer vítima, esse animal não é o responsável pela violência, mas é a concretização visível de uma abstração totalitária.

Retomando as pistas para captação do insólito, podemos observar que as imagens projetadas pelos signos insólitos na segunda parte da trama textual são invocadas sob a égide do Realismo Maravilhoso.

Vendo que os cachorros não tinham pressa de ir embora, o povo começou a mudar de atitude. Os porretes, as correias, as espingardas iam sendo escondidos e substituídos por **tentativas de afagos, palavras mansas, agrados de comida. Gente se amontoava nas janelas assoviando para eles, estalando os dedos, esticando a mão para alisá-los [...]** (VEIGA, 2001, p. 55). [Grifou-se]

Quando foi ficando claro que os cachorros não estavam interessados em morder ninguém (o máximo que faziam era rosnar e mostrar os dentes para quem incomodasse inadvertidamente), mas apenas em dar vazão à energia represada pela disciplina da tapera, as pessoas foram criando coragem e saindo de casa desarmadas, e **até já acharam graças nos desatinos e bodejos dos bichos.** (VEIGA, 2001, p. 56). [Grifou-se]

O insólito (derrame de cachorros) é incorporado à realidade epidérmica de Manarairema sem haver questionamentos racionalizadores, como é visto nas expressões abaixo:

1. O povo começou a mudar de atitude
2. Tentativa de afago
3. Palavras mansas
4. Agrados de comida
5. Estalando os dedos
6. Esticando a mão para alisá-los

Esse levantamento do léxico do texto-cópus mostra que os cachorros não estavam interessados em atacar ninguém. Na arquitetura textual desse evento insólito, os personagens de Veiga começaram a achar “graças nos desatinos e bodejos dos bichos”, até sua súbita desapareição.

Após o inexplicável desaparecimento dos cachorros, a iconicidade do léxico do romance instaura um novo evento insólito. Vejamos o trecho a seguir:

Fazia dias que **os bois vinham aparecendo** aqui [...]. **Os bois chegaram mais e em grande número.** Ganharam as estradas, descendo. [...] Encheram os becos, as ruas, desembocando no largo. **A ocupação foi rápida e sem atropelo;** e quando o povo percebeu o que estava acontecendo, já não era possível fazer nada: **bois deitados nos caminhos, atropalhando a passagem, assustando senhoras.** As entradas do largo entupidas e **mais bois chegando,** como convocados por uma buzina que só eles ouviam; os que não cabiam mais no largo iam sobrando para as ruas de perto, para os

becos e terrenos vazios. Abria-se uma janela para olhar o tempo e recebia-se no rosto o bafo nasal de um boi butelo. [...] **Não se podia mais sair de casa, os bois atravancavam as portas e não davam passagem**, não podiam; não tinham para onde se mexer. Quando se abria uma janela não se conseguia mais fechá-la, não havia força que empurrasse para trás aquela massa elástica de chifres e pescoços que vinha preencher o espaço. (VEIGA, 2001, p. 119-120). [Grifou-se]

Vê-se a presença do insólito nessa passagem, uma vez que a cena visualizada pela iconicidade do léxico foge à realidade empírica. Examinemos:

1. Os bois chegaram em grande número
2. Encheram os becos
3. Os bois atravancaram as portas
4. Não tinham para onde se mexer
5. Aquela massa elástica de chifres

Essas pistas textuais mostram que o insólito se constrói a partir da palavra **boi**. Em geral, esse animal é representante da “capacidade de trabalho e de sacrifício” (CHEVALIER, 1994, p.137) nos rituais religiosos. Mas na trama dessa obra ele é simplesmente animal que prende as pessoas em sua casa. Assim, perseguidos os signos icônicos da trama, podemos interpretar esse signo (boi) como a representação da irredutibilidade de um poder opressor vinculado ao pessoal da tapera.

Como os signos que compõem a arquitetura textual desse evento insólito não estão associados à dimensão simbólica dos rituais religiosos (símbolo do sacrifício), percebemos a invasão desse animal na cidade não como o sacrificado, mas como o sacrificador dos moradores. Acompanhemos a seguinte passagem:

As famílias não podiam mais ir ao quintal, faziam as necessidades em vasilhas velhas, jornal, caixas diversas e iam guardando aquilo num canto à espera de dias melhores. (VEIGA, 2001, p. 123).

[...] Enfraquecidas pela fome e pelos vômitos frequentes, as pessoas passavam a maior parte do tempo deitadas, caladas, olhando as telhas, as paredes, sem ânimo até para pensar. (VEIGA, 2001, p. 133).

Assim como na invasão dos cachorros, o léxico utilizado pelo autor demonstra que os personagens incorporam esse evento insólito (Dias dos bois) na realidade epidérmica sem questionamentos racionalizadores.

[...] às vezes ainda precisam empurrar um chifre para um lado para poder abrir uma gaveta ou um armário. (VEIGA, 2001, p. 121).

[...] inventaram um jeito de andar por cima dos bois [...] Descalços e munidos de uma vara tendo numa ponta uma plaquinha acolchoada, os meninos subiam numa janela, daí passavam para o lombo de um boi, e utilizando a vara como escora iam navegando por cima deles, transmitindo e recebendo recados e encomendas, apostando corridas uns com os outros. (VEIGA, 2001, p. 121).

[...] Ninguém mais prestava atenção ao que se passava fora, os bois não saíam mesmo, o que se queria era dormir. (VEIGA, 2001, p. 134).

Os signos icônicos destes trechos permitem ao leitor perceber que as indagações racionais acerca do insólito foram aceitos pelos habitantes de Manarairrema, de modo a proporcionar o equilíbrio entre o habitual e não habitual, o usual e não usual, como em qualquer outro texto afeito ao Realismo Maravilhoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que esse artigo possa apresentar contribuições da Teoria da Iconicidade Verbal para a leitura das passagens insólitas afeito ao Realismo Maravilhoso da obra veiguiana. E, mais especificamente, demonstrar que a teoria desenhada por Simões (2019) que referenda o tratamento icônico do texto, permite traçar o mapa de leitura do signo maravilhoso com base na trama textual.

Concluindo, supomos que quando tratamos da iconicidade verbal do texto veiguiano, instrumentalizamos o leitor, para que se torne um leitor capaz de extrair, de marcas presentes na superfície do texto, pistas textuais que promovam a compreensão e a interpretação da obra literária. Reiteramos que a perspectiva de análise adotada neste estudo, não partilha da interpretação em aberto. Acreditamos que o léxico é sempre um componente fundamental para a leitura de eventos insólitos. Assim, o romance *A hora dos ruminantes*, apesar de se apresentar como um texto polissêmico por ser construído a partir de um jogo inteligente entre baixa e alta iconicidade, impõe uma estrutura reguladora para a leitura a partir da trama textual que conduzirá o leitor aos sentidos possíveis para o texto.

REFERÊNCIAS

CARPENTIER, Alejo. “Prefácio”. In: **O reino deste mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

CHEVALIER, Jean e Alain GHEERBRANT. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CHIAMPI, Irlomar. **O Realismo Maravilhoso. Forma e ideologia no romance hispanoamericano**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ECO, Humberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Flavio. **A banalização do insólito: mecanismos de construção narrativa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

KFOURI, Cláudia Lúcia Cabrera. **A construção do implausível: sentidos projetados pela obra A hora dos ruminantes**. *Dissertação (Mestrado em Teoria Literária)* – . São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2002.

MONEGAL, Emir Rodriguez. **“La utopia modernista: el mito del nuevo y el viejo mundo en Dario y Rodo.”** Ed. Yale University. s.d.

NOGUEIRA, Thalita Martins. “A dificuldade de sistematização das características dos gêneros literários que têm o insólito como marca distintiva.” GARCIA, Flávio. **A banalização do insólito: mecanismos de construção narrativa.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

SIMÕES, Darcilia. **Estudos semióticos. Papéis avulsos.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004.

SIMÕES, Darcilia. **Iconicidade e verossimilhança: semiótica aplicada ao texto verbal.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

SIMÕES, Darcilia. **Semiótica & Ensino - uma Proposta. Alfabetização pela imagem.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

VEIGA, José J. **A hora dos ruminantes.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.